

DaMatta: Um Olhar sobre a Cultura Brasileira

Considerado um dos clássicos sobre cultura brasileira, Roberto DaMatta (1997) realiza um estudo com o objetivo de analisar o dilema brasileiro, a saber, "o que faz do Brasil, Brasil?". Nesse intuito, ele utiliza a sociologia comparada, ou seja, parte da comparação entre diferentes contextos sociais e sociedades para encontrar os contrastes e contradições entre ideologias dominantes e sistemas de valores para realizar uma comparação dinâmica entre elas. É dessa forma que o autor acha que é possível relativizar a universalidade e universalidade da noção de indivíduo (p. 22), possibilitando uma sociologia crítica da realidade brasileira.

O foco de análise são os rituais e os personagens criados dentro dos rituais. Segundo o autor, "[...] é o ritual que permite tomar consciência de certas cristalizações sociais mais profundas que a própria sociedade deseja situar como parte dos seus ideais mais "eternos" (p.29). Dentre os rituais brasileiros, o que se torna mais evidente da análise do autor é o carnaval, grande tema de discussão do livro. Do carnaval surge o personagem do malandro, que será de fundamental importância na busca de uma resposta para o dilema brasileiro.

O livro se divide em seis capítulos, nos quais é possível uma distinção entre dois momentos: nos três primeiros capítulos, DaMatta desenvolve e conceitualiza os principais elementos para a análise que desenvolveu; na segunda metade, o autor se debruça na averiguação aprofundada da realidade brasileira na busca de sua interpretação sobre o que torna o Brasil um país singular.

O primeiro capítulo é essencial para a demarcação de três rituais

eminentemente brasileiros e que podem ser considerados de âmbito nacional: o carnaval, o dia da pátria e a procissão. Os três, como rituais, são eventos extraordinários que fazem contraposição com o cotidiano. Cada um, porém, possui significados e contextos diferentes, representado, simbolicamente, papéis e estruturas distintas para a sociedade, a saber:

- **A parada militar:** realizado no dia da pátria, este é um ritual formal que demarca claramente a hierarquia existente na sociedade: de um lado o povo que assiste a parada dos militares - devidamente uniformizados e cadenciados, demonstrando unidade e homogeneidade - e do outro as autoridades, agentes dos poderes constitutivos que estão na lida da solenidade.

- **O carnaval:** realizada dentro de festividades que seguem preceitos religiosos, o carnaval é uma festa informal que busca a brincadeira, a diversão. Fantasiados, as pessoas perdem, temporariamente, sua noção de posição dentro das estruturas sociais, marcando um momento de encontro da sociedade. É a festa do povo, que na sua relação entre heterogeneidade e antagonismo, cria um momento de mediação e inversão da sociedade.

- **A procissão:** como um rito que apresenta características que misturam o carnaval e a parada militar, a procissão, que é eminentemente religiosa, não é nem formal nem informal, nem uma conjunção ou disjunção, mas uma tentativa de conciliar o povo e o Estado por intermédio do culto a Deus (p. 70).

Os mecanismos de ritualização presentes nestes rituais são:

Reforço (ou separação): é o mecanismo básico de rituais, chamados de formais ou ritos de respeito, em que o objetivo é a separação dos elementos, categorias ou regras que estão por um momento confundidas. (p. 79) (Parada militar)

Inversão: processo que provoca o deslocamento completo de elementos de um domínio para outro do qual esses elementos estão normalmente excluídos. (carnaval)

Neutralização: "evitação", mediação - a invisibilidade social. (Procissão)

O segundo capítulo se orienta na busca dos múltiplos planos existentes no carnaval. No carnaval, tudo se passava como se a sociedade fosse capaz de inventar um espaço especial onde a **casa** (local onde há maior controle das relações sociais) e a **rua** (o mundo, na qual há uma incapacidade de controle e de previsão) se encontrassem (p. 137). O carnaval é um local especial e múltiplo, que não apresenta donos das festividades e que preza pela heterogeneidade.

No terceiro capítulo, DaMatta realiza a comparação entre o carnaval americano - o *carnival*, era realizado em Nova Orleans - e o carnaval brasileiro. Nessa comparação, o autor deixa claro que há diferenças entre ambas, mas que o efeito simbólico do carnaval é o mesmo: a inversão. Na sociedade americana, que é igualitária, o carnaval se cumpre a relembrar a hierarquia e a segregação social existente por meio da cor da pele. No Brasil, o carnaval cumpre o papel oposto, ou seja, numa sociedade hierarquizada, o carnaval cumpre o papel de aglutinadora, de extinção temporária das estruturas sociais até então existentes. É nesse contexto que surgem dois personagens: Rex, o representante de um grupo de krewes fechado que comanda o carnaval e o malandro, o personagem deslocado que anda entre a ordem e a desordem.

No quarto capítulo DaMatta analisa o rito de hierarquização do "Sabe com quem está falando"? Nesse rito há uma separação radical e autoritária de duas posições sociais real ou teoricamente diferenciadas (p. 181). Nesse rito, há a negação do "jeitinho brasileiro" e de sua cordialidade, por conta da situação conflitiva que encerra e da qual a sociedade brasileira é adversa (p. 183).

Essa expressão ou rito é usado quando a pessoa (p. 187):

- Sente sua autoridade diminuída ou ameaçada;
- Deseja impor o seu poder;
- Consciente ou inconsciente percebe no interlocutor a

possibilidade de inferiorizá-lo em seu status social;

- For pessoa interiormente fraca ou que sofre de complexo de inferioridade;

- O interlocutor é percebido, de alguma forma, como ameaça ao cargo que ocupa.

Nesses casos há sempre platéia e o grupo funciona como mediador ou legitimador entre os dois (210). Há aí uma distinção, dentro do sistema social brasileiro, entre o indivíduo (consciência individual) e a pessoa (consciência social), sendo que as seguintes características são apontadas pelo autor (225):

Indivíduo	Pessoa
Livre, tem direito a um espaço próprio	Preso à totalidade social à qual se vincula de modo necessário
Igual a todos os outros	Complementar aos outros
Tem escolhas que são vistas como seus direitos fundamentais	Não tem escolhas.
Tem emoções particulares	
A consciência é individual	A consciência é social (a totalidade tem precedência)
A amizade é básica no relacionamento	A amizade é residual e juridicamente definida
O romance e a novela íntima são essenciais	A mitologia e a formulação paradigmática são básicas.
Faz as regras do mundo onde vive.	Recebe as regras do mundo onde vive
Não há mediação entre o indivíduo e o todo.	A segmentação é a norma.

Assim, o Brasil fica situado a meio caminho entre a igualdade e a hierarquia (p. 246).

No quinto capítulo, DaMatta irá analisar a tipologia de três tipos de heróis brasileiros, concentrando-se no último: o Caxias, o renunciador e o malandro. O primeiro é aquele que vive em conformidade com o sistema hierarquizado, o segundo, aquele que rejeita o mundo social e, por fim, o terceiro é o que subverte o mundo social para nele sobreviver. O malandro é o herói

brasileiro por excelência, pois vive no limiar entre o mundo do indivíduo e o da pessoa (p. 301).

No capítulo final, a renúncia será tratada através da história de Guimarães Rosa sobre o fazendeiro que tudo perde e renuncia à vingança, atitude normal e esperada dentro do sistema hierarquizado brasileiro (p. 332). É através da renúncia que se poderia encontrar um caminho criativo que leve a sociedade brasileira para além de seus dois ideais antagônicos: o da igualdade e o da hierarquia (p. 334).

Referência:

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis:** para uma sociologia do dilema brasileiro. 6a. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.